

Mais do que falar sobre a nossa pedagogia, gostamos de praticá-la com as nossas crianças, mas também com os colegas que queiram trabalhar conosco.

Aceitamos, no entanto, de bom grado, o convite para falar aqui, para compartilhar com vocês um pouco do nosso trabalho e através desta exposição esperamos deixar claro o tema, o papel do professor, proposto para esta mesa-redonda.

A Pedagogia Freinet ainda é bem pouco conhecida entre nós. Nos cursos de História da Educação, tanto no Magistério (2º. Grau), quanto nas Faculdades de Pedagogia, Freinet por vezes não chega a ser citado. No entanto, a Pedagogia Freinet pode se configurar como uma alternativa válida na busca de soluções para a crise do sistema de ensino que estamos enfrentando. E na Pré-Escola ela nos afasta das duas tendências dominantes:

- a do infantilismo: que deixa a criança aquém de suas possibilidades; e
- a do escolarismo: que quer preparar a criança muito cedo para a escola de 1º Grau.

* Profa de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Paulínia.

** Esta exposição foi ilustrada com a apresentação de cerca de 100 diapositivos que documentam o trabalho desenvolvido em algumas classes de pré-escola da rede municipal de Paulínia. O núcleo Freinet de Paulínia é composto por dez professoras que se encontram periodicamente para troca de experiências, estudos e atividades em "atelier". Existem muitos outros núcleos em funcionamento no Brasil: no Estado de São Paulo, nos Estados do Sul, em Minas Gerais e no Nordeste.

Em São Paulo, está se organizando o Centro Regional da Escola Moderna (CRIEM) com o objetivo de aproximar os núcleos dos vários Municípios.

A Pedagogia Freinet não é nova. Vem sendo praticada há mais de cinquenta anos em muitos países da Europa, da África e da América. Não é nova, mas se renova a cada dia, pois, sendo um movimento pedagógico *de professores*, é através da troca de experiências entre professores que ela se atualiza permanentemente.

Não temos dogmas nem uma linha rígida de atuação, apenas princípios básicos que norteiam nossa prática e acabam por fazer com que nossas salas de aula, embora muito diferentes umas das outras, sejam também muito semelhantes.

As diferenças dependem das condições materiais, das instalações, das regras impostas pela escola e pelos sistemas de ensino.

A semelhança está:

- nos objetivos que norteiam nossa forma de trabalhar;
- na relação que estabelecemos com as crianças; e
- na concepção que temos de escola e de aprendizagem.

Escola para nós é vida e não preparação para a vida. Só se aprende a viver, vivendo, só se aprende a fazer, fazendo, só se aprende a pensar, pensando...

Assim, muitas intuições de Freinet, baseadas numa aguda observação da criança e que levaram às chamadas "técnicas Freinet", encontram eco nas pesquisas psicopedagógicas de Piaget, Wallon, Vygotsky, Emilia Ferreiro e C. Kamü.

Nossos princípios e objetivos básicos: autonomia e cooperação. Nosso papel de educadores: contribuir para o desenvolvimento de cidadãos, para uma sociedade verdadeiramente democrática. Só se "aprende" democracia praticando a vida em sociedade; e só se é verdadeiramente cidadão quando se é livre e autônomo. Mas, se pensamos a autonomia de um ângulo estritamente individual, podemos cair no individualismo, e, portanto, na competição. O equilíbrio com o ambiente social da sala de aula é então muito importante e esse ambiente deve propiciar e favorecer a cooperação. Por aí se esclarece nosso conceito de liberdade. Não acreditamos poder formar indivíduos livres e autônomos num ambiente autoritário. Pois neste há quem manda e quem obedece e, na sala de aula, manda o professor que traz tudo **pronto** e determinado. A criança não pode escolher o que quer fazer. Mas também não concordamos com a postura liberal, o "faça o que você quiser", pois aí temos um leque de opções aparentemente amplo e, no entanto, muito vago. A criança fica perdida e acaba por "escolher" aquilo a que já está acostumada, por exemplo, os modelos que lhe são impostos pelos meios de comunicação, como a TV, onde predominam a competição, a violência, o consumismo e todos os tipos de preconceito. Liberdade, para nós, é sempre contextualizada, é poder escolher entre opções determinadas e claras, opções que a própria criança ajuda a construir e cujo leque ajuda a aumentar.

Em nossas classes, a criança tem múltiplas oportunidades de exercer sua autonomia:

- escolhe a atividade que deseja fazer; tem livre acesso aos materiais para realizar seus projetos;
- propõe atividades e, portanto, contribui para a elaboração do plano de trabalho;

- experimenta, tateia, na sua própria direção; e
- suas descobertas e contribuições são valorizadas, entre outras.

... e de cooperar com seus colegas:

- ajudando-os em suas atividades;
- participando de projetos coletivos;
- trocando idéias;
- compartilhando espaços e materiais; e
- buscando junto soluções para problemas, entre outras.



Partimos, na nossa prática pedagógica, das necessidades da criança. Necessidades que, aliás, não são só da criança, são de todos nós: auto-expressão, comunicação, pesquisa (criar, agir, conhecer), organização e avaliação.

A prática do favorecimento da expressão livre da criança e da concomitante escuta atenta do professor permite conhecer o mundo em que as crianças vivem e como o vivem. E esses mundos e esses "cornos", embora possam ser semelhantes em suas determinantes psicológicas, são bem diferentes em suas determinantes sócio-econômico-culturais, quer se tratem de filhos de colonos, de filhos de favelados ou de filhos de pessoas de nível técnico e de professores.

Num dia de chuva, numa pré-escola rural, a professora comentava com a merendeira que a televisão noticiara que o mau tempo ia continuar. Érika (5 anos) pergunta:

- O que é o mau tempo?

A professora responde que é assim que as pessoas falam quando chove. E ela:

- Chuva é bom tempo. As plantas crescem.

Na zona rural, nesta época do ano, marcada intensamente pela quaresma, o lobisomem existe. Interagir com ele, com as crianças filhas desse meio, não é o mesmo que interagir com bruxas e duendes dos contos-de-fadas. Sua realidade mítica é vivida por toda uma comunidade. O questionamento crítico de sua existência deve passar por essa determinante social. Como por ela também passam todos os valores morais e a própria concepção do ser criança e de sua educação. A ação pedagógica nesse contexto pode-se beneficiar das contribuições da própria antropologia.

Exprimir-se através da fala, mas também através do corpo todo; nos jogos simbólicos e na dança, no desenho, na modelagem e na pintura.



À necessidade de comunicar-se corresponde, em nossa proposta, além do ouvir, e ser ouvida em classe, a prática da correspondência escolar através da qual a criança amplia sua afetividade e tem acesso a outros mundos, diferentes daquele em que vive. Na pré-escola, enviamos e recebemos cartas coletivas, desenhos, pinturas, colagens e toda a sorte de presentes que as afianças inventam de mandar para os amigos. Tanto as cartas quanto os presentes são intercâmbios de idéias, experiências de vida, sugestões para tateios em novas direções.

A necessidade de criar, agir e *conhecer* é a de explorar e investigar o mundo físico e social em que se vive, explorar os objetos, o próprio corpo, as relações com as pessoas. É agindo sobre o mundo, transformando-o, que o conhecemos. Portanto, gestos e pensamentos se articulam no tateio experimental.

Para responder à necessidade de organização e, ao mesmo tempo, às de expressão, comunicação e pesquisa, de forma a favorecer autonomia e cooperação, organizamos nossa sala em diversos "ateliers" ou oficinas de trabalho, que funcionam ao mesmo tempo, atendendo à escolha das crianças. Em cada "atelier" estão dispostos os objetos e equipamentos necessários para a realização de cada atividade. Assim, à medida que cada um termina uma atividade, procura outro "atelier" onde haja lugar disponível para prosseguir em seus tateios. Se porventura o "atelier" onde ela quer trabalhar já estiver completo, ela esperará. "Nosso objetivo não é que a criança faça tudo o que quer, e sim que ela queira tudo o que faz" (Claparède).

As atividades em "atelier" propiciam o contato com os mais diversos materiais:

- desenho: papéis diversos e lápis, giz de cera, canetinhas;
- pintura: papel, cartolina, tintas e pincéis; marcenaria: madeira, martelo, serrote, pregos, lixas; costura: tecidos, linhas, lãs, agulhas, alfinetes; colagem: tesoura, cola, papéis, sucata, tecidos;
- água: a própria água e diversos objetos para operações de transvazamentos, flutuação;
- modelagem: argila, massa de trigo ou comprada e tudo o que se quiser acrescentar;
- som: todo o tipo de objetos que produzem som;
- biblioteca: livros de histórias, de poesias, revistas e os livros individuais e coletivos de criações das crianças no decorrer do ano;
- matemática: todo o tipo de material que sirva às atividades de contar, medir, comparar quantidades, pesos, volumes, ou seja, metros variados, contas, palitos, vasilhas de tamanhos diferentes; e também os jogos e brinquedos pedagógicos, como quebra-cabeças e dominós, que propiciam atividades como seriação, classificação e pareação;
- casinha de boneca: bonecas, panelas, pratos, talheres, fantasias, roupas de adultos, móveis.



Interrompemos esta listagem, que poderia estender-se ainda mais, mas que já é suficiente para podermos ressaltar todo o complexo de gestos necessários para realizar as diversas atividades, todo o complexo de objetos, com suas diferentes cores, formas, tamanhos, texturas, temperaturas, odores etc. com os quais as crianças podem entrar em contato, dispensando as aulas sistemáticas e os exercícios mimeografados.

A esta organização do espaço acrescenta-se a organização do tempo: o planejamento que fazemos com as crianças, distribuindo, nos diversos momentos do dia, as atividades coletivas, as atividades em "ateliers", as atividades na sala, as atividades de fora da sala, as atividades de rotina (merenda e higiene).

Sendo nosso ponto de partida a expressão livre das crianças, é importante um momento coletivo de conversa para que as crianças possam exprimir o que lhes interessa, o que as preocupa, de quê têm medo, suas alegrias e suas tristezas, sua realidade e suas fantasias. Os temas de vida que surgem nesse momento podem ser inscritos no Livro de Vida da classe. Assim, contando as nossas vidas, construímos e registramos a nossa história. Algumas páginas desse Livro podem ser impressas no "atelier" limógrafo (ou mimeógrafo) para que cada um possa guardar consigo e ilustrar à sua vontade.

Os temas que surgem trazem a vida das crianças para dentro da sala e podem ser depois enriquecidos nos diversos "ateliers". São muitos os temas que surgem. Alguns perduram, outros são mais fortuitos e retornam mais adiante. Temos sempre não um, mas sim um complexo de interesses em andamento.

Retomando o tema da autonomia, com essa prática formamos o autor e não só o leitor-consumidor. O registro das conversas e das histórias da criança é uma preparação para a leitura/escrita, mas preparação que retoma seu *sentido histórico* de registro, assim como a prática da correspondência retoma seu sentido histórico de comunicação a *distância*. A leitura/escrita poderá, assim, ser assimilada como técnica a serviço da auto-expressão e da comunicação, e não como uma nova forma de dominação.

Nesses momentos coletivos de conversa, o grupo se reconhece e pode observar quem faltou e surgem muitas situações matemáticas (quantos vieram? quantos não vieram?); mas também ciências e saúde (fulano faltou porque está com bronquite. O que é bronquite?). O grupo se situa no tempo, localizando-se no calendário, base do planejamento de atividades e no qual vamos inscrevendo os eventos importantes: dias de aniversário, passeios, visitas dos correspondentes. E novas situações matemáticas sempre surgem com as contagens regressivas: faltam cinco dias, faltam quatro dias...

É também nesses momentos coletivos que podem surgir reclamações e críticas, dando oportunidade para o estabelecimento em comum de nossas regras de vida, os "pode" e os "não vale", garantias de um convívio harmonioso. Acreditamos que, como na vida, aprendemos sempre com o conflito. Nosso objetivo não é anular os conflitos, o que, aliás, seria mesmo impossível. Mas sim ajudar as crianças a darem soluções e se entenderem, modificando gradativamente sua linguagem: dos gestos - tapas e socos - às palavras.



Outros momentos do dia, como já vimos, são dedicados às atividades em "ateliers". Outros ainda passamos lá fora ou em passeios. Lá fora é o pátio, é a areia, são os brinquedos recreativos. Brinquedos que podem já estar instalados na escola, tais como balanços, gangorras, trepa-trepa e escorregador. Mas também brinquedos que podemos construir juntos, utilizando cordas, pneus e madeira. Lá fora também é a bola, é o pular corda, são os jogos em grupo e as rodas cantadas, através dos quais podemos transmitir e preservar nossa música e nosso folclore.



E são muitas oportunidades para usar o corpo todo e se expandir na alegria, explorando também materiais naturais, como o fogo (fogãozinho de lenha improvisado, fogueirinhas), a água, a terra e o próprio ar (bolhas de sabão, pipas). Podemos fazer também a nossa horta ou os nossos canteiros.

Mas, como dentro da sala, também seguimos nossas regras de vida que estabelecem o equilíbrio entre o indivíduo e o grupo.

Para concluir, gostaríamos de dizer que este foi o ponto ao qual chegamos até agora. Ainda temos muito o que aprender e nos aprimorar, pois não tivemos esta escola. Mas decidimos romper com a escola artificial que tivemos, onde o trabalho era sempre enfadonho e o lúdico não era considerado produtivo. A pedagogia do trabalho nos ensina que o trabalho produtivo pode ser sério e alegre ao mesmo tempo. É o trabalho-jogo baseado profundamente nas necessidades da criança e do ser humano.

Contra a escola artificial queremos uma escola lugar de vida (e não só de brincadeiras), onde as crianças se expressem e sejam ouvidas, onde ajam para aprender e onde aprendam a democracia através da vida cooperativa.

BIBLIOGRAFIA

CIARI, Bruno. Práticas de *ensino*. Lisboa, Ed. Estampa.

FREINET, Célestin. As técnicas *Freinet da* escola moderna. Lisboa, Ed. Estampa. 3 v.
.Para uma escola do povo. Lisboa, Ed. Presença. .O texto livre. Lisboa, DinaLivro. .
A educação do trabalho. Lisboa, Ed. Presença. 3 v. . A saúde mental da criança.
Lisboa, Ed. 70. . A pedagogia do bom senso. São Paulo, Martins Fontes.

FREINET, Elise. O itinerário de Gélesfm Fremet. Rio, Ed. Francisco Alves. .O
nascimento de uma pedagogia popular. Lisboa, Ed. Estampa.

RODARI, Gianni. A gramática da fantasia. S. Paulo, Summus.

Obs.: As obras traduzidas e editadas em Lisboa são distribuídas no Brasil pela
Livraria Martins Fontes.

